

PAÍS EM PROTESTO

OPINIÃO

Uma possível agenda para a crise instalada no Brasil

MARCELO COELHO COLUNISTA DA FOLHA

Não acho que jornalista deva dar conselho a ninguém, mas me preocupa a profundidade da crise. Acho que a presidente Dilma acertou, no geral, quanto ao tom e ao conteúdo do seu discurso ontem. Mas talvez as respostas tenham de ser mais profundas.

Por mais que sejam variados os lemas e palavras de ordem dos manifestantes, o fato básico é que eles não se veem representados nem atendidos pelo Congresso, pelas prefeituras, pelos governadores e pelo Executivo Federal.

Acho que há espaço para uma série de iniciativas capazes de recuperar — e sancais — as recuperações políticas, antes que o descrédito seja completo e a única resposta possível seja o aumento da repressão.

Cito algumas, só como exemplo, porque o conteúdo específico de cada item poderia ser discutido conforme o gosto do governante.

1. Um esforço pela austeridade pessoal. O presidente uruguaio, Pepe Mujica, não usa carro oficial, não mora em palácio e se veste como um jeica. Era tempo de políticos brasileiros seguirem o exemplo.

2. A retomada, no nível federal, da faxina dos ministérios tentada inicialmente pela presidente. As forças políticas mais sérias do país estão reféns de uma "base parlamentar" que pode ser útil no dia a dia, mas é o principal empecilho para a resolução da crise.

3. Uma iniciativa mais concreta de reforma política. Nem sei se o financiamento público de campanhas é o melhor método. Mas é preciso responder à desmoralização de um sistema em que os representantes eleitos pelos cidadãos se tornam representantes das empresas que contribuíram para sua caixa de campanha.

4. Na questão da educação, bem atendida pela proposta presidencial de dedicar 100% dos royalties de petróleo a essa área, acho que nada se fará sem um aumento radical do salário de professores. Mesmo com o aumento de impostos que terá de haver.

5. Uma real abertura para os movimentos populares. Por que os prefeitos não convidam alguém próximo do Movimento Passe Livre para a Secretaria dos Transportes? Em nome de que lógica partidária esses cargos são loteados?

6. Não é que os manifestantes não saibam o que querem. Querem coisas demais. Se há propostas de reforma em todas as direções, e se o sistema político está em descrédito, seria necessário dar razão e forma institucional ao debate que está nas ruas. Seria o caso, a meu ver, de convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, com fins específicos (reforma política, reforma previdenciária etc.), para a qual poderiam candidatar-se cidadãos mesmo sem filiação partidária.

O fundamental é encontrar, para a vontade de mudança, um caminho político. Caso contrário, ou teremos paralisação ou as formas mais despolitizadas e selvagens de protesto.



Pesquisadores do IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP debatem origens e desdobramentos dos protestos no país

Debate aponta tédio e crise na democracia como causas

Pesquisadores da USP discutiram os protestos que se espalharam pelo país

Guinada conservadora foi apontada como desdobramento da onda de manifestações em "UTI" de teóricos

CLÁUDIA WOLLECKI PAULO WERNECKI DE SÃO PAULO

Sentimento de tédio entre a juventude, crise da política representativa e guinada conservadora estão entre as hipóteses levantadas no debate "O que está acontecendo?", realizado por pesquisadores do IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP, ontem. O diretor do IEA, Martin Grossmann, referiu-se ao debate como uma "UTI" montada para entender as manifestações.

Professor de ética e filosofia política da USP, Renato Janine Ribeiro comparou a situação brasileira com a de países onde ocorreram revoluções recentes.

Para ele, assim como a Espanha, o Brasil é uma sociedade democrática, ao contrário das nações que viveram a Primavera Árabe: "Talvez o problema, para nós, não seja tanto a opressão, mas o tédio". Segundo Janine, o tédio esteve na origem da revolta de Maio de 68, em Paris.

Sylvia Dantas, professora de psicologia na Unifesp, em nossa linha e definiu o estado de espírito dos brasileiros como "melancolia" e "impotência". "As manifestações trouxeram vida, esperança. É um movimento de catarse. A insatisfação teve voz."

Nem todos, porém, acharam a explicação satisfatória. "Compartilho apenas em parte o ponto de vista de que o movimento nasceu do tédio ou eventualmente teve uma dimensão espontânea", disse José Álvaro Moisés, professor de ciência política na USP, lembrando os oito anos do

Movimento Passe Livre. Referência na militância de esquerda no país, o crítico literário Alfredo Bosi não conseguiu chegar à USP por causa de um protesto na rodovia Raposo Tavares e enviou sua intervenção por e-mail.

Para ele, entre os ganhos do movimento está o reconhecimento do direito à manifestação: "Governo, imprensa, universidade e todas as instâncias envolvidas no processo são (ou ficaram) unânimes no reconhecimento do direito de manifestação de segmentos da população". Bosi apontou a crise da "de-

mocracia puramente formal e representativa em termos eleitorais": "Seu descrédito merecido exige alguma resposta, ainda que difusa e insuficientemente articulada".

A questão também foi apontada pelo antropólogo italiano Massimo Canevacci e por Moisés. "Atualmente ninguém quer ser representado", disse o italiano. "Existe uma afirmação crescente da autorrepresentação."

Moisés apontou o "enorme mal-estar com a democracia no Brasil". "Os partidos fracassaram, inclusive os que nasceram dos movimentos so-

ciais, como foi o caso do PT."

Para Sergio Adorno, do Núcleo de Estudos da Violência da USP, trata-se de "um momento de interrupção da comunicação entre os atores políticos. Os canais considerados legitimamente aceitos de comunicação e reivindicação parecem insatisfatórios."

Pelo Skype, Bernardo Sorj, professor de sociologia na UFRJ, lembrou que, apesar da importância da internet, os protestos mostram que a arena da política ainda é a rua. "Milhares de assinaturas contra Renan Calheiros não levaram a nada, mas milhares de pessoas na rua, sim."

Em nível nacional, segundo ele, a Copa foi o estopim dos protestos. "Deveria ter sido um momento de ufanismo, de orgulho, mas as pessoas viram obras públicas superfaturadas, associadas à corrupção. Foi o contrário do que os governos esperavam."

A "guinada conservadora" observada pelos debatedores, principalmente nos protestos de quinta-feira, foi citada entre os possíveis desdobramentos do movimento.

Lúcia Maciel de Oliveira, da Escola de Comunicações e Artes da USP, disse "inquieta". "Essa guinada conservadora é bastante preocupante". Ela criticou a demora do prefeito Fernando Haddad para se posicionar: "Quando se posicionou, foi de forma conservadora".

Alexey Dodsworth Magneva, da nova geração do IEA, alertou sobre a "fagocitação do movimento por parte de grupos conservadores".

Historiadora especializada no mundo árabe, Arlene Clemesha afirmou que no Egito há denúncias de que "bandeiras" sejam pagas para manchar as manifestações na av. Rebouças, zona Oeste de São Paulo, ontem. Segundo ele, a data do trabalho foi escolhida por marcar o início do inverno no país. O grafite deve medir aproximadamente sete por cinco metros.



“ Talvez o problema, para nós, não seja tanto a opressão, mas o tédio ”

“ Há conflito entre quem representa e quem é representado ”



“ É movimento de catarse. Trouxe vida, esperança. A insatisfação teve voz ”

“ Estou muito preocupada com essa guinada conservadora ”

CONTRAS

**Agressões a jornalistas** Cerca de 20 jornalistas foram agredidos no Brasil pela polícia ou manifestantes durante uma onda de protestos, informou a organização Repórteres Sem Fronteiras. Já segundo o Comitê para a Proteção dos Jornalistas, ao menos 25 profissionais relataram terem sido atacados ou detidos.

**Brad Pitt** O ator Brad Pitt, que está viajando o mundo para promover seu novo filme, "Guerra Mundial Z", cancelou sua visita ao Brasil por causa da onda de protestos espalhados pelo país. Ele participaria de um evento da pré-estreia do longa no Rio, marcado para a próxima segunda.

**Em Israel** Dezenas de brasileiros se manifestaram, ontem, diante da embaixada brasileira em Tel Aviv, em Israel. Com cartazes com frases como "o gigante acordou", o grupo somou cerca de 250 pessoas, segundo os organizadores. "A ideia é apoiar o Brasil", disse Leonardo Cherit Shor.

**Skank** As bandas mineiras Skank e Jota Quest cancelaram suas apresentações na Fan Fest da Fifa em Belo Horizonte. O motivo é a onda de protestos. O Jota Quest se apresentaria hoje às 14h, na praça da Estação. O show do Skank estava marcado para o dia 26, às 14h, no mesmo local.

**Grafite** O artista plástico Eduardo Kobra fez um mural em referência às manifestações na av. Rebouças, zona Oeste de São Paulo, ontem. Segundo ele, a data do trabalho foi escolhida por marcar o início do inverno no país. O grafite deve medir aproximadamente sete por cinco metros.

OPINIÃO

Política não se dará mais dentro dos partidos, mas nas ruas

VLADIMIR SAFATLE COLUNISTA DA FOLHA

Não haverá mais política como conhecemos até agora. Daqui para a frente ela irá em direção aos extremos.

Uma sociedade, quando passa por mobilizações populares como as que vimos nas últimas semanas, fica para sempre marcada.

Nesse sentido, devemos nos preparar para um embate de outra natureza. Quando a política popular ganha as ruas em uma reação em cadeia, todo o espectro de demandas sobe à tona.

Uma contradição de exigências que pode dar a impressão de estarmos em um buraco negro da política. No entanto, não há que temer, pois tal contradição é a primeira manifestação de um novo conflito de ideias que servirá de eixo de combate.

Por isso, a política brasileira não se dará mais no interior de partidos que há muito perderam sua função de caixa de ressonância dos embates sociais. Ela será decidida nas ruas.

Foi assim em países como Tunísia e Egito. As manifestações foram engendradas por estudantes esquerdistas e sindicatos com demandas parecidas com as nossas: democracia direta, reconstrução de serviços públicos gratuitos e de qualidade, Estado de bem-estar social, luta contra corrupção e corruptores.

No entanto, rapidamente o descontentamento mobilizou também salafitas e setores muçulmanos nacionalistas-conservadores.

De fato, há uma luta em torno do rumo da maior mobilização popular recente do país. Por exemplo, setores conservadores da imprensa nacional, amigos até a hora da morte do imaculado são Demóstenes Torres, tentam impor sua velha pauta de sempre, a saber, indignação seletiva contra corruptos, mas silêncio tumular contra os corruptores (empreiteiras, bancos e empresários).

Mas que os que lutaram durante todos esses anos por universidades mais democráticas, mais impostos para os ricos e mais serviços sociais para os pobres, direitos iguais aos homossexuais e causas ecológicas radicais recolham suas bandeiras, eis algo que a história nunca perdoará.

Agora é hora de compreender que o verdadeiro embate começou e será longo.

Um dia teríamos que nos confrontar duramente com aqueles que têm o despudor de se chamarem "nacionalistas" em uma época em que "nação" só significa fronteira, limite, expulsão da diferença e defesa dos bons valores preconceituosos da "nossa terra".

Não temos problemas em nos declaramos sem nação, sem pátria, sem identidade, porque nos apegamos a um desejo de igualdade que desconhece fronteiras.

Mas, e isso eles verão, nosso desejo é mais forte. Agora não é hora de medo. Agora é hora de luta.